

Autor: Castro

“Não é loucura, é dor!”: o presente é música de resistência!



Por causa das restrições de sociabilidade presencial advindas da necessidade de conter a pandemia provocada pelo CoronaVírus, diversos festivais de cinema foram cancelados ou adiados em 2020. A fim de compensar a brecha deixada por estas relevantes plataformas de lançamentos cinematográficos alternativos, as curadorias de alguns destes festivais uniram-se numa iniciativa virtual bastante oportuna. Dessa maneira, foi criado o **We Are One: a Global Film Festival**, canal provisório no portal eletrônico YouTube que disponibilizou um cabedal volumoso de filmes ainda não distribuídos comercialmente.

Dentre os festivais que disponibilizaram parte do acervo de suas respectivas programações, o que mais se destacou pela qualidade foi o IFFR – International Film Festival Rotterdam [Festival Internacional de Cinema de Roterdã]. No catálogo virtual, lançamentos benfazejos advindos da África. Produções realizadas nas mais diferentes durações merecem destaque, como o curto documentário queniano “Tapi!” (2020, de Jim Chuchu) e o média-metragem cabo-verdiano “Kmêdeus” (2020, de Nuno Miranda). Além daquele que talvez tenha sido o melhor filme de todo o festival virtual: o recentíssimo longa-metragem angolano “Ar Condicionado” (2020).

Dirigido pelo jovem realizador Fradique, co-fundador da imponente produtora Geração 80, este filme consegue a proeza de adequar elementos dos gêneros musical e ficção científica à realidade cotidiana de Luanda, capital de Angola. O estilo do roteiro possui o elã fantástico das narrativas caras a escritores como José Saramago e Mia Couto, mas sob uma perspectiva assaz pessoal, dotada de uma amargura inequívoca, visto que o país é marcado por duradouras guerras civis, sendo que a última delas estendeu-se oficialmente de 1975 até 2002, mas ainda deixa máculas profundas no dia a dia dos habitantes.

O enredo de “Ar Condicionado” é, no mínimo, inusitado: ainda na abertura, sabemos, através de uma transmissão radiofônica, que todos os aparelhos de ar-condicionado da cidade de Luanda pararam de

funcionar misteriosamente. Para piorar, os aparelhos caem subitamente, às vezes matando transeuntes, em razão do baque. O calor excessivo asfixia os moradores, ao passo em que grupos anarquistas reivindicam um discurso contra a desnecessidade destes aparelhos, que, ao desconsiderarem os apanágios climáticos do país, obedecem a determinações estrangeiras e coloniais...

O protagonista do filme, o segurança Matacedo (José Kiteculo), conversa constantemente com sua amiga Zezinha (Filomena Manuel), empregada de um rude empresário, ainda mais encolerizado por aguardar o conserto de seu ar-condicionado, que, como os demais no país, também parou de funcionar. Zezinha foi criada numa ilha, onde seu pai era pescador e, antes de ser fatalmente tolhido pela senilidade, inculcou-lhe que *“o vento é a coisa mais importante que existe”*. Esta frase aparentemente trivial tem a ver com as três definições em separado que antecedem os créditos iniciais: ao apresentar dicionaristicamente os múltiplos significados possíveis para “ar” e “condicionado” – em detrimento de apenas um para o vocábulo composto “ar-condicionado” – o diretor e co-roteirista Fradique deixa evidente o seu forte pendor político nesta narrativa distópica conduzida realisticamente.

A conversa entre Matacedo e Zezinha é interrompida pelas ligações insistentes do patrão desta última, que exige que o primeiro restitua o aparelho então em reparos. Ocorre que, ao visitar o mecânico responsável pelo conserto, o excêntrico Kota Mino (David Caracol), Matacedo descobre que os aparelhos de ar-condicionado, em verdade, possuem um mecanismo que subtrai a memória dos angolanos. No afã por blindar o efeito amnésico provocado por estes aparelhos, Kota Mino sugere que Matacedo e Zezinha sirvam-se de sementes secas como antídotos tradicionais. Mas as obrigações proletárias de ambos mergulham-nos na celeridade característica da opressão classista: eles precisam voltar ao prédio onde trabalham, carregando o pesado aparelho, o que provoca uma briga entre dois carregadores de rua. Ao redor deles, mais aparelhos desabam. Pessoas morrem e choram... O esquecimento do passado anula também as promessas coletivas de futuro!

No interior de um automóvel improvisado que Kota Mino utiliza como resguardador de memórias, Matacedo sonha – e, assim, a bela voz de Aline Frazão, autora da trilha musical do filme, insurge-se de forma inebriante e militante, ao mesmo tempo. Em seu cariz de típico fado africano, a letra da canção traz à tona a importância de *lembrar*, de servir-se dos acontecimentos históricos como instrumentos de resistência no presente. E é neste ponto que Matacedo e Zezinha demonstrarão comportamentos radicalmente distintos: ela é pragmática, parece ter cedido ao ritmo cooptado da contemporaneidade; ele é bem mais velho, possui feridas de guerra ainda não cicatrizadas em seu âmago. Enquanto um preocupa-se com a possibilidade de não morrer deitado, a outra prioriza a diligência de arranjar quem carregue o seu caixão, quando o derradeiro instante inevitavelmente acontecer...

Ao longo dos 72 minutos de duração deste ótimo filme, Matacedo percorre lugares depauperados, prédios com aspecto arruinado, em que os aparelhos que desabam a todo instante parecem irrelevantes, não atrapalhando sequer o jogo de futebol que crianças improvisam num vão do edifício. O diretor comenta que serviu-se dos cenários reais onde crescera, o que acentua o teor inconformista da obra, cujo contínuo vagar do protagonista chega a emular os filmes elogiadíssimos do húngaro Béla Tarr. “Ar Condicionado” é, portanto, um dos melhores e mais importantes lançamentos cinematográficos do ano. Obrigatório em seu ímpeto de ressignificação pós-quarentenária!

Data de Publicação: 07-06-2020